

Uso de droga contra derrame é criticado

**Da sucursal de
CURITIBA**

O Neurologista Abraham Akerman, chefe do Serviço de Neurologia da Santa Casa do Rio de Janeiro, é contra a maioria das medicações atualmente empregadas nos pacientes vitimados de acidente vascular cerebral (derrame). Este será um dos tópicos da palestra que realizará amanhã em Curitiba, a convite do Departamento de Neurologia da Associação Médica do Paraná.

Abraham Akerman pretende denunciar aos neurologistas paranaenses a ineficiência dos remédios empregados — “onde se gasta inutilmente rios de dinheiro” — nos casos de derrames. Para ele, o médico deve, isto sim, prevenir o paciente de complicações pulmonares e cardíacas, “o que geralmente se verifica após um acidente vascular cerebral”. Acima de tudo, Akerman anunciará os resultados de cinco anos de pesquisas que fez nos Estados Unidos, Alemanha e França. A partir destes estudos neurológicos, ele começou a desacreditar nos medicamentos para casos de derrame, e crer que “a melhora dos pacientes resulta de uma nova circulação microscópica do cérebro”.

Sem querer entrar em pormenores de sua terapêutica, Abraham Akerman também preferiu deixar de lado as suas célebres acusações contra a negligência

médica e o baixo nível das escolas de medicina no Brasil, devido “as fortes pressões da classe médica”. Mas afirmou: “eu sempre penso se seria possível a uma nação ter Exército, Marinha e Aviação particulares. Por que, então, que a saúde, que é muito mais importante que as forças armadas, está nas mãos de particulares?”

Abraham Akerman condenou também a ausência do clínico geral na medicina brasileira, mais preocupada com as especializações: “ao contrário do que é vulgarizado no nosso meio, os grandes neurologistas americanos dão grande valor ao exame clínico”. E lembrou que, nos últimos dez anos a mais importante contribuição no setor neurológico foi a máquina de raio-x que funciona com sistema de computação eletrônica, instalada no Brasil apenas no Hospital da Beneficência Portuguesa há alguns meses. Esse aparelho (no valor de 600 mil dólares), denominado “axial tomografia computador”, ressalta Akerman, “como todas as máquinas sofisticadas, exige cada vez mais médicos de alto valor clínico, uma vez que as perguntas a uma computadora só são valiosas quando feitas por homens de grande preparo”. No entanto, um exame radiológico custa quase cinco mil cruzeiros ao cliente. Por isso, Akerman ressalva: “existe a medicina de rico e de pobre. Os doentes pobres não têm lugar na medicina particular”.